

isasmara

The first part of the paper discusses the importance of understanding the underlying mechanisms of the observed phenomena. It is crucial to identify the key factors that influence the outcome, as this will help in developing effective interventions. The second part of the paper focuses on the methodology used in the study, which involves a combination of qualitative and quantitative approaches. This mixed-methods approach allows for a more comprehensive understanding of the research topic. The third part of the paper presents the results of the study, which show that the proposed intervention has a significant positive impact on the target population. Finally, the paper concludes with a discussion of the implications of the findings and suggests areas for future research.

**antonio
gramsci**

os líderes e as massas

escritos de 1921 a 1926

seleção e apresentação de gianni fresu

tradução de carlos nelson coutinho e rita coitinho



© Boitempo, 2023

Direção-geral Ivana Jinkings
Edição Thais Rimkus
Coordenação de produção Livia Campos
Assistência editorial João Cândido Maia
Tradução Carlos Nelson Coutinho e Rita Coitinho
Leitura crítica Marcos Del Roio
Notas de rodapé Luciana Aliaga
Cronologia Alvaro Bianchi
Preparação Mariana Echalar
Revisão Clara Altenfelder Caratta
Capa Maikon Nery
Diagramação Antonio Kehl

Equipe de apoio Elaine Ramos, Erica Imolene, Frank de Oliveira, Frederico Indiani, Higor Alves, Isabella Meucci, Ivam Oliveira, Kim Doria, Luciana Capelli, Marcos Duarte, Marina Valeriano, Marissol Robles, Maurício Barbosa, Pedro Davoglio, Raí Alves, Tulio Candiott, Uva Costruiba

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G773L

Gramsci, Antonio, 1891-1937

Os líderes e as massas : escritos de 1921 a 1926 / Antonio Gramsci ; seleção e apresentação Gianni Fresu ; tradução Carlos Nelson Coutinho, Rita Coitinho. -

1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2023.

(Escritos gramscianos ; 3)

"Coletânea de diversos artigos"

"Leitura crítica e notas de rodapé Luciana Aliaga"

"Cronologia Alvaro Bianchi"

ISBN 978-65-5717-184-4

1. Ciência política - Filosofia. 2. Poder (Ciências sociais). 3. Trabalhadores - Atividades políticas. 4. Movimentos sociais. I. Fresu, Gianni. II. Coutinho, Carlos Nelson. III. Coitinho, Rita. IV. Título. V. Série.

22-81542

CDD: 320.01

CDU: 321.01



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

É vedada a reprodução de qualquer parte deste livro sem a expressa autorização da editora.

1ª edição: janeiro de 2023

BOITEMPO
Jinkings Editores Associados Ltda.
Rua Pereira Leite, 373
05442-000 São Paulo SP
Tel.: (11) 3875-7250 | 3875-7285
editor@boitempoeditorial.com.br
boitempoeditorial.com.br | blogdaboitempo.com.br
facebook.com/boitempo | twitter.com/editoraboitempo
youtube.com/tvboitempo | instagram.com/boitempo

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
NOTA DA TRADUÇÃO	37
O ESTADO OPERÁRIO	39
CONTROLE OPERÁRIO	45
ÁGUA PARADA	48
QUE FAZER?	51
A CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO	54
BUROCRATISMO	57
O CONTROLE OPERÁRIO NO CONSELHO DO TRABALHO	60
DISCIPLINA	63
O OPORTUNISMO CONFEDERATIVO	65
PROSSEGUIR NA LUTA	69
GESTÃO CAPITALISTA E GESTÃO OPERÁRIA	73
PALAVRA DE ORDEM	76
QUE SE FALE CLARAMENTE	79
AS MASSAS E OS LÍDERES	82
AMSTERDÃ E MOSCOU	87
ALGUMAS PERGUNTAS AOS DIRIGENTES SINDICAIS	90
O PARTIDO COMUNISTA E OS SINDICATOS,	92
A UNIÃO SINDICAL	123
A EXPERIÊNCIA DOS METALÚRGICOS A FAVOR DA AÇÃO GERAL	127
Nosso programa sindical	131
CHEFE	137

A ESCOLA DO PARTIDO	142
INTRODUÇÃO AO PRIMEIRO CURSO DA ESCOLA INTERNA DO PARTIDO	145
A VIDA DA ESCOLA	155
A SITUAÇÃO INTERNA DO NOSSO PARTIDO E AS TAREFAS DO PRÓXIMO CONGRESSO	161
OS LÍDERES E AS MASSAS	176
A ORGANIZAÇÃO POR CÉLULAS E O II CONGRESSO MUNDIAL	178
A ORGANIZAÇÃO DE BASE DO PARTIDO	183
LENINISMO	190
OUTRA VEZ A CAPACIDADE ORGANIZATIVA DA CLASSE OPERÁRIA	194
INTERVENÇÃO NO COMITÊ CENTRAL	199
O CONGRESSO DE LYON	202
A SITUAÇÃO ITALIANA E AS TAREFAS DO PCI	214
O SIGNIFICADO E OS RESULTADOS DO III CONGRESSO DO PARTIDO COMUNISTA DA ITÁLIA	258
 CRONOLOGIA – VIDA E OBRA	 283
SOBRE A COLEÇÃO ESCRITOS GRAMSCIANOS	301

CHEFE¹

Todo Estado é uma ditadura. Nenhum Estado pode deixar de ter um governo, constituído por um pequeno número de homens que, por sua vez, se organizam em torno de um homem dotado de maior habilidade e maior clarividência. Enquanto for necessário um Estado, enquanto for historicamente necessário governar os homens, qualquer que seja a classe dominante, surgirá o problema de haver líderes, de haver um “chefe”. Que os socialistas, que ainda se dizem marxistas e revolucionários, digam querer a ditadura do proletariado, mas não querer a ditadura dos “chefes”, não querer que o comando se identifique, que se personalize, isto é, queiram a ditadura, mas não a desejem na única forma em que é historicamente possível, revela toda uma orientação política, toda uma preparação teórica “revolucionária”.

Na questão da ditadura do proletariado, o problema essencial não é o da personificação física da função de comando. O problema essencial consiste na natureza das relações que o dirigente ou os dirigentes mantêm com o partido da classe operária, nas relações que existem entre esse partido e a classe operária: elas são puramente hierárquicas, de tipo militar, ou são de caráter histórico e orgânico? O líder e o partido são elementos da classe operária, são uma parte da classe, representam seus interesses e aspirações mais profundos e vitais, ou são uma excrescência, uma simples sobreposição violenta? Como se formou esse partido, como se desenvolveu, por qual processo se deu a seleção dos homens que o dirigem? Por

¹ Não assinado, *L'Ordine Nuovo*, ano III, v. 1, n. 1, março de 1924. Publicado com o título “Lenin, capo rivoluzionario” [“Lênin, chefe revolucionário”]. Assinado Antonio Gramsci, em *L'Unità*, v. 1, n. 229, 6 de novembro de 1924. (N. E. I.) [Artigo escrito em homenagem a Lênin após sua morte, em 21 de janeiro de 1924.]

que se tornou o partido da classe operária? Isso aconteceu por acaso? O problema passa a ser o de todo o desenvolvimento histórico da classe operária, que lentamente se constrói na luta contra a burguesia, registra algumas vitórias e sofre muitas derrotas; e não apenas da classe operária de um único país, mas de toda a classe operária mundial, com suas diferenças superficiais, mas tão importantes em cada momento específico, e com sua substancial unidade e homogeneidade.

O problema passa a ser o da vitalidade do marxismo, de ser ou não a interpretação mais segura e profunda da natureza e da história, da possibilidade de que também possa oferecer um método infalível à intuição brilhante do homem político, um instrumento de extrema precisão para explorar o futuro, prever eventos de massa, dirigi-los e, assim, controlá-los.

O proletariado internacional teve e ainda tem um exemplo vivo de partido revolucionário que exerce a ditadura da classe; infelizmente, ele teve e já não tem mais o exemplo vivo mais característico e expressivo de um líder revolucionário, o companheiro Lênin.

O companheiro Lênin foi o iniciador de um novo processo de desenvolvimento da história, mas o foi porque era o expoente e o último momento mais destacado de todo um processo de desenvolvimento da história passada, não apenas da Rússia, e sim de todo o mundo. E foi por acaso que ele se tornou o chefe do Partido Bolchevique? Foi por acaso que o Partido Bolchevique se tornou o partido dirigente do proletariado russo e, portanto, da nação russa? A seleção durou trinta anos, foi cansativa e adquiriu muitas vezes as formas aparentemente mais estranhas e absurdas. Aconteceu, no campo internacional, em contato com as civilizações capitalistas mais avançadas da Europa central e ocidental, na luta dos partidos e facções que compunham a Segunda Internacional antes da guerra. Continuou no seio da minoria do socialismo internacional, que permaneceu pelo menos parcialmente imune ao contágio social-patriótico. Recomeçou na Rússia na luta pela maioria do proletariado, na luta pela compreensão e pela interpretação das necessidades e das aspirações de uma inumerável classe camponesa espalhada por um imenso território. Continua hoje, todos os dias, porque diariamente é necessário compreender, prever, prover. Essa seleção era uma luta de frações, de pequenos grupos, era uma luta individual, significava

cisões e unificações, detenções, exílios, prisões, ataques, era resistência contra o desânimo e o orgulho, significava passar fome, tendo milhões em ouro à disposição, significava manter o espírito de um simples trabalhador no trono dos tsares, não se desesperar, mesmo que tudo parecesse perdido, mas recomeçar, com paciência, com tenacidade, mantendo toda a frieza e o sorriso nos lábios, enquanto os outros perdiam a cabeça. O Partido Comunista Russo, com seu chefe Lênin, estava tão ligado a todo o desenvolvimento de seu proletariado russo, a todo o desenvolvimento, portanto, de toda a nação russa, que não é sequer possível imaginar um sem o outro, o proletariado, classe dominante, sem que o Partido Comunista fosse o partido do governo e, portanto, sem o Comitê Central do partido inspirando a política do governo, sem que Lênin fosse o chefe do Estado. A mesma atitude da grande maioria da burguesia russa – que dizia: uma república chefiada por Lênin sem o Partido Comunista também seria nosso ideal – teve grande significado histórico. Era a prova de que o proletariado exercia não só o domínio físico, mas também o domínio espiritual. No fundo, até a burguesia russa compreendia confusamente que Lênin não poderia ter se tornado e não poderia permanecer chefe de Estado sem o domínio do proletariado, sem que o Partido Comunista fosse o partido do governo; sua consciência de classe ainda a impedia de reconhecer não apenas sua derrota física imediata, mas também sua derrota ideológica e histórica; mas a dúvida já estava nela, e essa dúvida se expressava naquela frase.

Outra questão se apresenta. É possível que hoje, no período da revolução mundial, existam “líderes” fora da classe operária, que existam líderes não marxistas que não estejam intimamente ligados à classe que encarna o desenvolvimento progressivo de todo o gênero humano? Temos o regime fascista na Itália, temos Benito Mussolini à frente do fascismo, temos uma ideologia oficial em que o “líder” é divinizado, declarado infalível, preconizado como organizador e inspirador de um Sacro Império Romano renascido. Vemos impressos nos jornais, todos os dias, dezenas e centenas de telegramas de homenagem das vastas tribos locais ao “chefe”. Vejamos as fotografias: a máscara mais endurecida de um rosto que já vimos em comícios socialistas. Conhecemos esse rosto: conhecemos esse revirar de olhos nas órbitas que no passado, com sua mecânica feroz, causava

calafrios na burguesia e hoje causa o mesmo no proletariado. Conhecemos esse punho sempre fechado, ameaçador. Conhecemos todo esse mecanismo, toda essa parafernália e entendemos que pode impressionar e emocionar os jovens das escolas burguesas; é realmente impressionante, quando visto de perto, e surpreendente. Mas “chefe”? Vimos a Semana Vermelha de junho de 1914². Mais de 3 milhões de trabalhadores estavam nas ruas, atendendo ao apelo de Benito Mussolini, que havia cerca de um ano, desde o massacre de Roccagorga, preparava-os para o grande dia, com todos os meios judiciais e jornalísticos à disposição do “chefe” do Partido Socialista da época: da caricatura de Scalarini³ ao grande julgamento no Tribunal de Milão. Três milhões de trabalhadores saíram às ruas: faltou o “chefe”, que era Benito Mussolini. Ele faltou como “líder”, não como indivíduo, porque dizem que, como indivíduo, foi corajoso e, em Milão, desafiou os cordões e os mosquetes dos *carabinieri*. Faltou como “chefe”, porque não o era, porque, segundo ele próprio confessou, na direção do Partido Socialista nem sequer podia ter razão, diante das miseráveis intrigas de Arturo Vella⁴ ou Angelica Balabanoff⁵.

Ele era naquele momento, como hoje, o tipo concentrado do pequeno-burguês italiano, raivoso, feroz mistura de todos os detritos deixados em

² A Semana Vermelha foi uma insurreição popular que ocorreu entre os dias 7 e 14 de junho de 1914, como reação ao massacre de três manifestantes pelas forças públicas. À época, Mussolini era membro do Partido Socialista Italiano (PSI) (seria expulso alguns meses mais tarde, em 24 de novembro de 1914) e uma das lideranças do movimento, que terminou com milhares de manifestantes feridos e alguns mortos.

³ Giuseppe Scalarini (1873-1948), célebre chargista italiano, colaborou com o *Avanti!*, órgão de imprensa do PSI, entre 1911 e 1926. Em 6 de janeiro de 1913, em Roccagorga, no Lazio, as forças de segurança pública dispersaram a tiros uma manifestação camponesa, matando sete manifestantes, incluindo duas mulheres e uma criança. Outros quarenta ficaram feridos. O *Avanti!* publicou um contundente artigo de Mussolini, *L'assassinio di Stato* [Assassinato de Estado], e Scalarini fez charges sobre o ocorrido. Os dois foram denunciados, junto com outros três jornalistas do *Avanti!*, por “insultar as Forças Armadas”. No julgamento, realizado em março de 1914, todos foram absolvidos.

⁴ Arturo Vella (1886-1943), membro do PSI, foi vice-secretário do partido entre março e outubro de 1919.

⁵ Angelica Balabanoff (1878-1965), militante comunista russa naturalizada italiana. No biênio 1919-1920, foi secretária da Internacional Comunista (IC).

solo nacional pelos vários séculos de dominação de estrangeiros e padres: ele não poderia ser o líder do proletariado; tornou-se o ditador da burguesia, que ama uma face feroz quando se torna novamente bourbonista, que espera ver na classe operária o mesmo terror que sentiu por aquele revirar de olhos e aquele punho cerrado ameaçador.

A ditadura do proletariado é expansiva, não repressiva. Um movimento contínuo ocorre de baixo para cima, uma rotatividade contínua por todo o sistema circulatório social, uma circulação contínua de homens. O líder que hoje choramos encontrou uma sociedade em decomposição, um pó humano, sem ordem e sem disciplina, porque depois de cinco anos de guerra a produção, fonte de toda a vida social, estava exaurida. Tudo foi reorganizado e reconstruído, da fábrica ao governo, com os meios, sob a direção e o controle do proletariado, de uma nova classe, no governo e na história.

Benito Mussolini conquistou e mantém o governo com a mais violenta e arbitrária repressão. Ele não teve de organizar uma classe, apenas o pessoal de uma administração. Ele desmontou alguns aparelhos do Estado, mais para ver como era feito e se acostumar com o ofício que por uma necessidade original. Sua doutrina está toda na máscara física, no revirar de olhos dentro das órbitas, no punho fechado sempre ameaçador...

Roma não é novata nesses cenários empoeirados. Já viu Rômulo, já viu César Augusto e já viu, em seu crepúsculo, Romolo Augustolo⁶.

⁶ Último imperador romano do Ocidente (475-476 d.C.).